



EDUCOMUNICAÇÃO: CONSTRUÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO – UM RELATO DE PESQUISA

Maria Teresa Marins Freire - PUCPR¹
Denise Werneck de Carvalho - PUCPR²

Resumo: O estudo trata da convergência da educação e da comunicação possibilitando a criação de outro campo de saber, a educomunicação, que busca a construção da cidadania. A definição de princípios para a área favoreceu a leitura crítica dos meios, analisando melhor seus propósitos. O objetivo do trabalho é identificar o potencial educativo da mídia, com ênfase no meio audiovisual. Como abordagem metodológica foi utilizada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo com questionário estruturado. As pesquisas realizadas por amostragem confirmaram que o meio audiovisual pode contribuir para a expansão cognitiva do indivíduo, pois através da capacidade de motivação gerada pela imagem o telespectador é instruído de forma voluntária. O meio produz sentidos no telespectador que estão ligados a maneira de ser, pensar e na forma como vê o mundo.

Palavras-chave: Educomunicação. Construção social. Prática educativa. Meio audiovisual. Pesquisa.

Introdução

A educação e a comunicação são consideradas essenciais na construção social e no desenvolvimento humano. Juntas, as duas ciências podem proporcionar melhorias para o campo educacional e para sociedade.

Por certo que os meios de comunicação exercem influência nas vidas das pessoas, portanto a integração dessa área com a educação possibilita a formação de indivíduos conscientes, informados e participantes da dinâmica social.

Um dos principais estudiosos que transformou o método educativo influenciado por um movimento denominado pedagogia crítica foi o brasileiro e educador Paulo Freire (2001), cujo destaque é a educação popular unindo escolarização e formação consciente. O papel antes hegemônico da escola passou a sofrer interferências de outras instituições, como a dos meios de comunicação.

A convergência das duas áreas, educação e comunicação, criando um novo campo de saber, a educomunicação, busca um objetivo comum que é a construção da cidadania.

¹ Doutora em Ciências da Saúde com ênfase em Comunicação e Educação - PUCPR, Professora adjunta do curso de Comunicação Social – PUCPR, freire.mteresa@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Ciências da Saúde, Professora adjunta do curso de Comunicação Social - PUCPR, denisewerneck.f@gmail.com

A educomunicação como instrumento de construção de novos saberes e de democratização da informação pode contribuir para o estímulo ao senso crítico, para a conscientização, sensibilização e definição de novos pilares sociais que apoiem a formação de uma sociedade mais cidadã.

O objetivo deste estudo é identificar o potencial educativo da mídia, com ênfase no meio audiovisual. Como abordagem metodológica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que permitiu levantar o entendimento e as idéias dos autores sobre o tema estudado de forma a compor o presente texto e o questionário estruturado que possibilitou conhecer o perfil dos entrevistados, as opiniões e preferências em relação à mídia e seu potencial educativo.

A proposta deste estudo leva em conta que a população adulta menos favorecida nem sempre tem oportunidade de estudar, de frequentar a escola e cursar o ensino fundamental e médio. Dessa forma, o aprendizado necessário para a sobrevivência é realizado empiricamente. Nesta perspectiva, os meios de comunicação podem ser recursos importantes para suprir algumas informações que complementem o universo cognitivo desses indivíduos, facilitando a compreensão da realidade social, política e econômica em que vivem.

O estabelecimento da Educomunicação

Esse novo campo de atividades sociais e culturais não pertence somente à comunicação e à educação, mas a todas as áreas das ciências humanas, como explica Soares, (apud MENEZES, 2009), pois surgiu da necessidade que várias pessoas de diversas áreas sentiram de intervir na sociedade e criar um movimento social em torno da cidadania. A educomunicação é fruto de uma prática de cidadania e não das reflexões de teóricos e filósofos.

Entretanto, o uso da comunicação para fins educativos não é uma prática recente. Monteiro (2000) destaca alguns pontos importantes da evolução dos meios de comunicação do ponto de vista educativo. Para a autora, os primeiros sinais do processo evolutivo de educação e comunicação dos seres humanos foram as pinturas e desenhos feitos nas cavernas. Daí partiu-se para a escrita, evoluiu para a imprensa até chegar aos jornais impressos que conhecemos.

Conforme Monteiro (2000) o jornal não tinha papel educativo no início da sua atividade, apenas transmitia informações. Sua inserção no espaço escolar foi muito mais uma estratégia de vendas, mas a partir disso percebeu-se a importância de estimular os professores

a utilizarem os jornais como forma de apoio didático, propiciando vários benefícios aos alunos, além de formar leitores fiéis.

No caso do rádio, a visão do difusor de educação surgiu junto com projetos de televisão para que fosse possível vencer as imensas distâncias territoriais do país e que pudessem, os dois meios, exercer um papel educativo, podendo ser considerados como percussores da educação a distância, como exemplifica Monteiro (2000) com o Telecurso 2000, a Rádio Educativa, o Projeto TV Escola, dentre outros.

Para Citelli (2004, p.135) a apreensão das inter-relações desses dois campos também deriva das “inquietudes geradas pela expansão dos *media* no século XX, remontando às décadas de 1930 e 1940”. O autor esclarece que foi a presença da imprensa escrita, do rádio e da televisão que causou uma nova configuração nos conceitos de ensino-aprendizagem, de educação e de conhecimento.

A educomunicação, conceituada como um movimento em prol da cidadania, ganhou impulso na década de 70. Segundo o Fórum Social Mundial (FSM) isto aconteceu com “a multiplicação de centros de documentação da cultura popular, em vários países da América Latina, que propunham uma comunicação alternativa como forma de resistência aos regimes autoritários do continente (FSM, 2004).

Nos anos 80, com o intuito de eliminar a ideia de manipulação dos meios de comunicação e propondo sua democratização, algumas Organizações Não Governamentais e entidades ligadas aos movimentos populares tomaram a frente do processo que se iniciara com os centros de documentação (FMS, 2004). Em 1996, surge o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) na Universidade de São Paulo (USP) com o objetivo de desenvolver pesquisas e estudos na área, que vem se consolidando com os trabalhos realizados por vários pesquisadores e estudiosos.

Princípios da Educomunicação

A expansão da área iniciou-se em diversos países, sobretudo no Canadá, Grã-Bretanha e Estados Unidos, alcançando Brasil e também a África do Sul. Com base nas pesquisas e experiências realizadas no Canadá com os meios de comunicação na década de 60, como a análise de uma educação para as telas do cinema e em 1996 com pesquisas e cursos promovidos pela organização canadense *Media Awareness Network* foram definidos oito princípios e premissas para a Educomunicação (VIVARTA, 2004):

- a) Todos os tipos de mídia são construções – a mídia não é um simples reflexo da realidade externa. Ela apresenta produções que tem propósitos específicos.
- b) A mídia constrói a realidade – frequentemente apresenta observações e experiências pré-construídas, com atitudes e interpretações já embutidas.
- c) O público negocia significados na mídia – cada indivíduo interage de forma única com os textos da mídia, com base em fatores como gênero, raça, idade, classe social e experiência de vida.
- d) A mídia tem implicações comerciais – a capacidade de entender a mídia inclui a consciência da base econômica da produção dos meios de comunicação de massa.
- e) A mídia contém mensagens ideológicas de valor – a capacidade de entender a mídia envolve a consciência das implicações ideológicas e dos sistemas de valores dos seus textos.
- f) A mídia tem implicações políticas e sociais – dela decorre um amplo leque de efeitos políticos e sociais. A mudança da vida familiar, o uso do tempo de lazer e as campanhas políticas pela televisão são três exemplos disso. A mídia também tem um papel importante na mediação de eventos e questões globais, dos direitos civis ao terrorismo.
- g) Forma e conteúdo estão intimamente relacionados com a mídia – Cada meio tem sua própria gramática e codifica a realidade de forma única.
- h) Cada tipo de mídia tem formas e estéticas peculiares – os estudantes devem ter capacidade não apenas para decodificar e entender os textos da mídia, mas também para apreciar a forma estética e peculiar de cada meio. (Adaptado de *Media Literacy Resource Guide. Ministry of Education, In VIVARTA, 2004, p. 270*).

Estas oito premissas permitiram entender a mídia sobre outros aspectos, favorecendo a leitura crítica dos meios, uma melhor análise de seus propósitos, abrindo espaço para novas discussões e trabalhos que integram a relação educação/comunicação em vários países do mundo.

Presença do audiovisual na sociedade

A maneira como o indivíduo absorve determinado assunto depende da bagagem cultural, do conhecimento pessoal, da idade, do sexo e de outros determinantes. Estes servem como grau de interferência para que o indivíduo se torne crítico e seletivo, alterando assim a sua forma de compreensão da mensagem.

O repertório apresentado ao receptor varia de acordo com a “vivência e a cultura de cada um, dependendo da faixa socioeconômica em que se situa o receptor” (PIGNATARI, 1984, p.15). Para o autor o processo de comunicação falada, a mensagem linguística da televisão deve levar em conta a categoria e o tipo de audiência, fatores que regularão não só o desenvolvimento do tema, mas também as características da linguagem utilizada.

As pessoas gostam de se identificar com o conteúdo dos programas transmitidos na televisão. A partir dessa identificação é criada uma certa intimidade com o meio e neste processo ocorre a fidelização do canal e da programação. Para Pignatari (1984, p.17) o processo de consumo de informação se assemelha ao consumo de outros bens duráveis e não duráveis, relacionando isto à quantidade de informação que consumimos, mas devido a bagagem cultural, a assimilação e aquisição do conhecimento será diferenciado e limitado. É neste contexto influenciador que Marcondes Filho (1993, p.47) caracteriza a forma como as informações são representadas:

[...] é por esse caminho, totalmente inconsciente que a televisão reafirma e conserva posições, opiniões e comportamentos. Está na maneira do produto ser fabricado – e não nos conteúdos – a função da televisão é conservar como está e agir contra quaisquer mudanças.

Comenta-se de uma perda da realidade em decorrência da saturação das imagens, mas o que é chamado de real sempre foi uma imagem: as mídias apenas tornam evidente que a reconstituição da realidade é uma produção simbólica de homens históricos.

O que condiciona uma forma de ver, pensar e representar o real é a própria linguagem da televisão, com suas características de rapidez, constância, indiferenciação qualitativa entre as imagens mais diversas e principalmente por sua inserção sem descontinuidade no cotidiano das pessoas, o que impede qualquer distanciamento em relação ao que está sendo visto/ouvido na televisão.

A busca pelo equilíbrio entre a informação e a emoção é uma das fórmulas básicas para conquistar o equilíbrio dos telespectadores pela sedução. Em se tratando de linguagem televisual deve-se considerar dois extremos: o emissor e o receptor. O emissor repassa a

informação segundo seus interesses e objetivos perante um público que, por sua vez, adquire os conhecimentos até mesmo de maneira inconsciente. Como defende Marcondes Filho (1993, p.37)

A televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma linguagem diferente que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico, de sua linguagem – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da sua cultura.

Quando a televisão conquistou espaço nas casas brasileiras, causou grande aceitação por parte da sociedade por conta da utilização de um estilo diferente de repassar informações. A curiosidade de conhecer o meio popular, que utilizava a imagem em movimento juntamente com o som deu ao meio uma credibilidade e um certo prestígio, como afirma Rezende (2000, p.23):

No caso brasileiro, a televisão não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição única de via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população.

Esse meio de comunicação busca atingir várias camadas sociais e diversos níveis culturais. Nesse contexto, pode-se citar o exemplo do “analfabeto que diante da televisão se sente sabido e informado, deixando de ser humilhado pelo resto da sociedade melhor favorecida nesse sentido (MASAGÃO apud NOVAES, 1991, p.290). Assim, os meios possibilitam ao cidadão aquisição de informações que melhoram seu conhecimento do ambiente em que vive, tornando-o mais participativo da sociedade.

Educação pela televisão

Os meios de comunicação tornaram-se relevantes na nossa sociedade e são “os principais impulsionadores de circulação de conhecimento. O cidadão de hoje convive com eles e os tem como um ponto de referência” (AZEVEDO, 2004, p.65). Isso se deve à produção de imagens, significações e saberes da mídia que participam da construção da realidade dos indivíduos.

A importância da televisão é maior ainda, pois é cada vez maior o número de espectadores que usa este meio como a principal, senão a única fonte de informação. Além

disso, em função do acesso gratuito, ela está presente em praticamente todos os lares brasileiros, independente da classe social.

Dado que a televisão nos alcança em todo tempo e em toda parte, dado que nenhuma faixa etária, nenhum campo de atuação, nenhuma classe de renda fica imune a ela, dado que maior parte da população brasileira não tem acesso regular a outras fontes de informação, além do rádio e da televisão, não sei que outra realidade contemporânea mereceria, mais do que essa, um tratamento de prioridade educacional (FISCHER, 2003, p.113).

Por essa razão, “tem crescido, nos últimos anos, a preocupação dos educadores com a influência que a televisão exerce na vida do brasileiro (AZEVEDO, 2004, p.104). O meio contribui para a formação de cidadãos críticos, pois compartilha com a escola e outras instituições como a família, o processo educacional. Além disso, sua linguagem é ágil, está integrada ao cotidiano e usa imagens que atraem a atenção do telespectador.

Conforme Baccega (2005) a condição de educar é a própria natureza dos meios de comunicação. Além de conseguir ensinar de forma atraente, através do aproveitamento da capacidade de motivação gerada pela imagem, os meios de comunicação atuam de forma diferente das outras instituições, pois o espectador é instruído de forma voluntária, sem que ninguém seja obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir individual e coletivamente.

Para Netto (1998, p.123) “é impossível obter mais e melhor educação ou desenvolvimento intelectual e cultural recorrendo apenas aos meios convencionais de ensino-aprendizagem”. Por essa razão, diversos estudiosos estão se dedicando ao campo da educação/comunicação, que apresenta os meios como um outro local do saber, atuando em conjunto com a escola e outras agências de socialização. Fischer complementa que

a comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo, respeitando-se as diferenças e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social (2003, p.83)

As significações da televisão são variadas, podendo ser priorizada a sua característica de instrumento do processo de comunicação, da repercussão, da informação e da notícia. Neste contexto, Fischer (2003) acredita que a televisão produz sentidos no telespectador, que estão ligados à maneira de ser, pensar e na forma como se vê o mundo.

A televisão produz seus maiores efeitos socializadores nas camadas sociais e culturais mais frágeis. (...) E a falta de educação aumenta o risco de manipulação: antes de mais nada porque, quanto menos educação, mais ócio incontrolado e, portanto, mais tempo de exposição ao meio; mas, também porque a educação proporciona orientações para um consumo racional e crítico (FERRÉS, 1996, p.79)

Iniciativas no âmbito da televisão que tenham o intuito de fazer com que o telespectador, ao terminar de assistir um programa, saiba um pouco mais do que sabia antes sobre determinado assunto estão sendo amplamente realizadas. Uma das maneiras é oferecer uma maior gama de programas, pois os meios devem diversificar os temas oferecidos e melhorar sua abordagem. “E tudo isso sem abrir mão do espetáculo. Pelo contrário, intensificando-o com o acréscimo de um novo prazer: o do conhecimento. Trata-se da conscientização de que espetáculo e reflexão não são realidades incompatíveis, mas sim, complementares” (FERRÉS, 1996, p.88).

É possível utilizar o poder da televisão para fornecer conteúdos educativos e informativos aos telespectadores, pois a mídia “mesmo atendendo aos apelos da indústria da cultura e inspirada no mercado, vai resolver-se na questão educativa, como mediadora do cenário político-social, inaugurando um novo estrato, uma consistência reterritorializada” (SCHAUN, 2002, p.20).

É necessário, portanto, pensar em formas atrativas e que, ao mesmo tempo, acrescentem mais conhecimento a quem está assistindo, pois potencial e alcance é o que não falta para a televisão se afirmar como um espaço de produção de conhecimento, além do entretenimento e da informação.

Relato das pesquisas: relação entre indivíduo e meio audiovisual

Pesquisas realizadas constataam a força da televisão na vida das pessoas, como a primeira fonte para obter informações, notícias, entretenimento e inclusive socialização. Este último elemento se enquadra nos momentos sociais, quando as conversas giram em torno do conteúdo televisivo⁵². A maioria das pessoas, independente de suas crenças e atitudes, recorre ao meio para responder às várias necessidades de atualização e, inclusive, do seu cotidiano, conforme alguns pesquisadores denominam de conteúdo reconstituente e de ensino⁵².

Stuart Hall (apud Pena, 2005) defende que é preciso entender como o público, formado por pessoas com contextos socioculturais diferentes recebe e decodifica as mensagens vindas das mídias³⁹. De acordo com o autor, cada faixa deste público pode decodificar a mensagem de acordo com sua própria maneira podendo concordar, opor-se ou contra-argumentar, acolhendo-a ou rejeitando-a.

Nesta perspectiva foram desenvolvidas duas pesquisas por amostragem, cujo intuito é estudar um grupo que seja representativo da população que se pretende conhecer. As pesquisas foram implementadas com públicos diferentes para identificar a relação das pessoas com o meio audiovisual, de forma a reconhecer a construção social e o desenvolvimento humano possibilitada pelos meios de comunicação, como colocados pela educomunicação. Buscou-se, igualmente, demonstrar se houve algum tipo de expansão cognitiva. Para a realização das pesquisas foram aplicados, aleatoriamente, questionários estruturados de modo a estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas.

A primeira pesquisa foi realizada com 100 idosos, pertencentes à classe C e D, moradores Bairro Novo, na cidade de Curitiba. Foi aplicado um questionário estruturado com 12 perguntas, para obter dados sobre o perfil dos entrevistados, assim como para conhecer opiniões relacionadas ao meio de comunicação televisivo. O levantamento dos dados obtidos com a pesquisa viabilizou a formação do perfil dos entrevistados, mostrando que 60% não completaram o ensino fundamental e 40% tinham somente o ensino fundamental completo; 70% dos respondentes eram mulheres. A idade variava entre 60 e 75 anos; 82% eram aposentados sem realizar nenhuma outra atividade laborial e 18% realizavam pequenos trabalhos para sobreviver e contavam com a ajuda de familiares; todos apresentaram renda familiar entre um e três salários mínimos; 86% apreciam atividades de entretenimento, como passeios, pequenas viagens e eventos socializadores.

Sobre os aspectos de comunicação, as respostas obtidas possibilitou constatar que o meio de comunicação de preferência era a televisão com 80% das respostas; o desinteresse pelos meios impressos deve-se ao pouco nível instrucional, fato que dificulta a leitura; 76% dos entrevistados assistem em média de 1 a 4 horas de televisão por dia; 62% costumam assistir televisão à noite e 12% durante a manhã. Ao serem perguntados sobre o que esperam de um bom programa de televisão, 66% disseram que gostariam de um programa com temáticas interessantes, 18% gostariam de humor e 16% apreciam programa que tenha credibilidade. Em relação aos temas preferidos, 49% citaram saúde, 20% mencionaram lazer, 18% indicaram meio ambiente e 13% se interessam por assuntos regionais e esportes.

Ao se analisar as respostas, observa-se que as preferências privilegiam conteúdos que possam lhes oferecer mais informações melhorando assim seu nível de conhecimento sobre temas que se relacionam com seu cotidiano (saúde/meio ambiente) e/ou de interesse específico para sua distração (lazer, esportes). As imagens apresentadas pela televisão atraem o telespectador e conseguem criar discussões sobre diversos assuntos da atualidade, confirmando o potencial informativo-educativo do meio televisivo.

A segunda pesquisa foi realizada com moradores da Vila das Torres, na cidade de Curitiba, local em que há depósitos para separação do lixo e posterior venda para reciclagem; a comunidade tem uma cooperativa para esse trabalho. Foram aplicados 200 questionários para definir o perfil dos entrevistados e levantar informações sobre a função educativa da mídia em relação ao meio ambiente, uma questão importante para esse grupo em função da atividade realizada por parte dos moradores. Do total dos entrevistados 76% eram mulheres e 24% homens. A escolaridade se apresentou com índices variados, sendo 34% com ensino fundamental completo, 38% com ensino fundamental incompleto, e 16% ensino médio, 4% cursaram ensino superior e 8% nunca estudaram. A renda familiar se apresenta entre um e três salários mínimos. Dentre as mulheres 80% trabalham como diaristas ou em empresas de limpeza e 20% com atividades relacionadas à coleta e separação de lixo. Dentre os homens 82% eram catadores de lixo.

Questionados sobre uma série de televisão que abordasse problemas com o meio ambiente, como lixo e poluição do rio Belém, com o propósito de alertar as pessoas sobre os cuidados com esses itens, as respostas (55%) apontaram a televisão como o meio mais propício para esse tipo de abordagem. Como explicaram os respondentes, além das informações, as imagens são fortes e causam impacto no telespectador, sensibilizando-os de forma a compreenderem a necessidade de preservar o meio ambiente em que vivem. Para 74% dos entrevistados a mídia pode ser educativa, sobretudo nas questões ambientais, pode apresentar soluções para os problemas e pode cobrar das autoridades ações efetivas na comunidade; 98% declararam que gostariam de assistir programas de televisão que abordasse as questões ambientais do seu bairro.

Na análise das respostas, constata-se o interesse pelas situações do bairro, pois afetam o seu cotidiano. Novamente, aparece a questão da imagem como elemento determinante na compreensão e memorização da mensagem, inerente ao nível instrucional, destacando o meio audiovisual como um recurso informativo-educativo suplementar à educação escolar.

Considerações Finais

Os meios de comunicação assumem papel relevante na construção da realidade dos indivíduos e na formação da sua cidadania, pois oferecem janelas para o mundo, ou seja, condições de acompanhar a dinâmica social tanto próxima como distante por meio das notícias factuais, dos comentários nos diversos programas e nos conteúdos das reportagens. A realidade desses indivíduos é permeada por momentos violentos em que as amenidades são raras.

Mas, é preciso aprender a interpretar os fatos criticamente e com olhar do cidadão que conhece seus direitos e seus deveres. Essa percepção pode ser auxiliada a se expandir com a Educomunicação, instrumento de construção de novos saberes e de democratização da informação e que suplementarmente pode apoiar a construção da identidade do indivíduo com o seu ambiente de vida.

A imagem televisiva mostra situações e pessoas que podem ser legitimados como modelos a serem observados e copiados, criando expectativas de benefícios para determinados tipos de comportamento, demonstrando a força socializadora da televisão. Assim, a televisão passa a ser construtora de imagens mentais. Se a pessoa toma suas decisões em função do conhecimento que tem da realidade e de suas expectativas diante da mesma, qualquer informação que lhe seja dada sobre a realidade terá uma influência decisiva nas suas decisões⁵¹.

As pesquisas empíricas demonstraram que a televisão tem potencial para colaborar na ampliação do conhecimento sobre fatos e temas que compõem a realidade dos indivíduos. Além disso, com a veiculação de notícias do cotidiano, o meio permite o acompanhamento dos acontecimentos cujo teor pode orientar o telespectador nas atitudes e decisões concernentes às situações da sua própria vida.

Constata-se também que a televisão por sua característica audiovisual pode auxiliar na expansão cognitiva do indivíduo, sem diferenciação em relação ao nível instrucional. Conforme relato dos respondentes das duas pesquisas, verificou-se que eles buscam na mídia, sobretudo na televisão, informações que lhes proporcionem conhecimento da sua realidade, suprimindo a falta de aprendizado formal (escolar) e dessa maneira confirmando o potencial educativo da mídia.

Agradecimentos

Aos graduados em Comunicação Social – Jornalismo:

Amalia Dorneles, Aline Dias Anile, Melanie d’Haese e Rafaela Ortis, pela pesquisa realizada com os 100 idosos do Bairro Novo;

Rafael Les, Robert Born, Vanessa Ronchi e Viridiana Saldanha, pela realização da pesquisa junto aos 200 moradores da Vila Torres.

Referências

AZEVEDO, Maria Verônica Rezende de. Telejornalismo e educação para a cidadania. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: linguagem e história. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1040-1.pdf> Acesso em 20/05/2009.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. 1ªed. São Paulo: Senac, 2004.

FERRÉS, Joan. Televisão e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. Televisão subliminar. Socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Televisão & Educação: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FÓRUM Mundial Social. A comunicação aliada á educação. Disponível em <http://www.forumsocialmundial.org.br> Acesso em 21/10/2009.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LEVI Strauss, 1963 apud Minayo MC de S. Contribuições da Antropologia In, Campos GW de S, Minayo MC de S, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho YM (org.). Tratado De Saúde Coletiva, 2006 P.206.

MARCONDES FILHO, Ciro. Jornalismo fin-de-siècle. São Paulo: Scritta, 1993. In REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

MENEZES, Ebenezer de. Um novo campo entre a comunicação e a educação. Agência EducaBrasil. Disponível em <http://www.educabrasil.com.br> Acessado em 21/09/2009

MONTEIRO, Claudia Guerra. O papel educativo dos meios de comunicação. Fórum Media, Portugal, n.3, Portugal. Disponível em http://www.ipv.pt/forummedia/3/3_fi3.htm Acesso [pt/forummedia/3/3_](http://www.ipv.pt/forummedia/3/3_tm) em 21/09/2009.

NETTO, Samuel Pfromm. Telas que ensinam. Mídia e aprendizagem; do cinema ao computador. Campinas: Alínea, 1998.

NOVAES, Adauto (org.). Rede imaginária: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

PIGNATARI, Décio. Signagem da Televisão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SCHAUN, Angela. Educomunicação: reflexos e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HALL, Stuart. "The Television Discourse--Encoding and Decoding." In *Studies in Culture: An Introductory Reader*, ed. Ann Gray and Jim McGuigan. London: Arnold, 1997, pp. 28-34.

VIVARTA, Veet. Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. Série Mídia e Mobilização Social. Vol.7. São Paulo: Cortez, 2004.